

# COMUNICAÇÃO: LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DIALÓGICO

Lizete Maria Pergher Dala Costa



**RESUMO:** É inerente ao homem a necessidade de se comunicar, de estabelecer relações com o outro e com o mundo que o cerca. A linguagem falada e escrita são formas de comunicação que predominam em nossa vida. Especialmente nas escolas, essas duas formas de expressão ocupam papel principal na troca de informações e experiências entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo de construção do conhecimento, sendo assim, esse artigo tem como objetivo analisar através de estudo teórico bibliográfico, a comunicação como processo de linguagem na construção do espaço dialógico, onde a linguagem comum é a linguagem usual, com termos e expressões com o significado cuja origem está ligada ao senso comum, sob a ótica de autores de renome como Bakhtin, Saussure, Vygotsky, apresentado ao Programa de Mestrado em Letras, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, ao centro de educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Comunicação; Dialogismo; Relações.

**ABSTRACT:** It is inherent in man the necessity to communicate, to form relationships with others and with the world around him. The language spoken and written are the forms of communication that prevail in our lives. Especially in schools, these both forms of expression occupy leading role in the exchange of information and experience between the different subjects involved in the construction of knowledge, thus this article aims to analyze by theoretical bibliographic, the communication as a process of the language in the construction of dialogic space where the common language is the usual language, with words and expressions with the mean whose the origin is connected to common sense from the perspective of well-known authors as Bakhtin, Saussure, Vygotsky presented to the “Programa de Mestrado em Letras”, area of Concentration in Language and Society, from the Center of Education, Communication and Arts, of Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

**KEYWORDS:** Language, Communication; Dialogism; Relations.

## 1. INTRODUÇÃO

**E**xpressar o pensamento através da linguagem é o grande desafio do homem desde o início dos tempos. O homem tem procurado estudar globalmente o fenômeno da linguagem e de sua evolução, fixando-a como ciência e buscando, na história, remontar e explicar essa capacidade de tecer e tramar a comunicação humana por meio da fala, da escrita e de todas as outras formas de linguagem, que permitem a interação social. Desde que nascemos, estamos mergulhados no mundo da linguagem. Da fala, da língua pertencente ao meio em que vivemos. Nesse caminhar, a comunicação está total e definitivamente ligada ao processo de promover as relações sociais, produzindo e reproduzindo as idéias com toda a sua carga de contradições e harmonias, suas realizações materiais, espirituais e culturais.

A comunicação é uma das coisas mais importantes da vida moderna e foi também no passado uma das coisas que mais contribuiu para a criação da própria vida moderna. Para comunicar é necessário uma série de elementos, que por si só, são complexos, sendo-o muito mais quando organizados de forma a possibilitar a comunicação.

A comunicação humana é diferente por ser consciente, utilizando linguagem para a construção do espaço dialógico.

Mas essa capacidade só pode ser exercida pelo recurso de uma língua, um código. Para que um ser humano possa comunicar é necessário que aprenda ou crie um código, lingüístico ou não. O exercício da faculdade da linguagem exige a presença de uma língua. A comunicação contínua é aquela, em que, não há possibilidade de se separarem partes do discurso ou sinal.

A língua é de natureza social, supra-individual, na medida em que é um conjunto de signos e regras reconhecidas pelos membros de uma dada comunidade, enquanto a fala é sempre individual, visto

que designa a utilização que um dado indivíduo, num dado momento, fazendo a língua.

O uso da linguagem permeia nossa vida desde a pré-história. Segundo o Dicionário Aurélio (1986, p 1.035), o termo *Lenguatge* significa “o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e comunicação entre pessoas”. Ela é empregada para nos expressarmos, para nos comunicarmos, para explicarmos algo, enfim, para nos relacionarmos com o mundo no qual vivemos. A linguagem apresenta diferentes funções e seu uso deve ser feito de forma consciente.

A linguagem, tanto escrita quanto falada, é o principal instrumento de comunicação utilizado pelo homem ao estabelecer relações com os outros que o rodeiam. A apreensão da vida diária, como realidade ordenada, presume fenômenos predispostos em que se configuram linguagem. Embora haja diversas maneiras de estabelecer comunicação entre os diferentes sujeitos que convivem em um mesmo espaço, a fala e a escrita são as formas mais empregadas. Talvez, devido a sua suposta precisão, uma vez que ao expressarmos algo através de palavras, pensamos estar eliminando a chance de o outro interpretar erroneamente o que foi dito.

A linguagem é utilizada como instrumento social de mediação entre o sujeito e os outros, entre o sujeito e o objeto de conhecimento, ocupando uma posição central na construção das funções mentais superiores. Em todas as funções psíquicas superiores os processos são mediados pelos signos, que são os meios básicos. Na formação do conceito esse signo é a palavra que se apresenta como símbolo.

O pensamento adulto é culturalmente mediado, sendo que a linguagem é o meio principal da mediação, é um signo mediador por excelência, pois carregam em si conceitos generalizados pela cultura humana. No homem, o pensamento e a linguagem se encontram e dão origem ao funcionamento psicológico mais sofisticado, tipicamente

humano, que o diferencia do animal. A linguagem é, portanto, instrumento do pensamento humano.

Nesse contexto, a preocupação com os discursos é parte do desenvolvimento convergente de várias disciplinas, a Lingüística, a Semiótica, a Sociologia, a Teoria da Comunicação, e a Antropologia, coincidem, nos últimos anos, em trabalhar com textos ou discursos. Um dos principais alicerces dessa abordagem tem sido o reconhecimento da natureza simbólica da realidade social. Condições, formas e conteúdos da comunicação discursiva em estreita interdependência com a realidade sócio-econômica e cultural de uma época e dos contextos específicos em que a comunicação tem lugar.

## **2. COMUNICAÇÃO – ELO DE RELAÇÕES SOCIAIS**

Na comunicação interpessoal, a linguagem serve como molde para toda a conversa cotidiana que, em verdade, se manifesta impregnada pelas emoções do instante em que acontecem. A cada troca de palavras, há correspondência e transmissão de mensagens, e os conteúdos não se esgotam nos códigos convencionais. A extensão da comunicação interpessoal vai muito além, constrói e reconstrói a estrutura cognitiva do indivíduo, propelindo-o à integração dentro da realidade subjetiva do mundo.

A linguagem que empregamos em nosso dia-a-dia, possui diferentes funções. Essas funções, embora diferentes, coexistem. Ao empregarmos a linguagem, não ficamos pensando sobre qual função estamos utilizando naquele momento. Uma de suas funções é a função comunicativa, ou seja, a de estabelecer com nossos interlocutores uma comunicação.

A comunicação humana se desenvolve em diversos campos de diferentes naturezas, dos quais podemos destacar dois enfoques distintos: a comunicação em pequena escala,

e a comunicação em larga escala ou comunicação de “massa”. Em ambos os casos, o ser humano passou a utilizar utensílios que passaram a auxiliar e a potencializar o processo de produção, envio e recepção das mensagens. A tecnologia passou a fazer parte da comunicação humana, assim, como passou a participar da maioria das atividades desenvolvidas pela humanidade ao longo do seu desenvolvimento.

Faz parte da natureza do homem, buscar uma forma de se comunicar com os outros que o rodeiam.

Desde a pré-história, o homem busca alternativas para se comunicar, sejam através de desenho, pinturas, danças, gestos. O surgimento da linguagem solucionou, em parte, o problema da comunicação. Empregamos a linguagem para que o outro saiba o que estamos pensando, sentindo, querendo.

O sujeito e discurso são construídos pelas relações sociais e pela natureza social da linguagem, enquanto produto, de uma necessidade histórica do sujeito. Isso levamos, pois, à consideração do caráter dialógico, interacional da linguagem, cujos sentidos são construídos em cada jogo, em cada lance, em cada evento. Em outras palavras, o que verbalizamos ao nosso interlocutor está diretamente vinculado aos grupos sociais e à época a que pertencemos.

As nossas idéias sobre o mundo se constroem nesse complexo processo de interação. E são as relações sociais, os lugares que ocupamos que determinam aquilo que vamos dizer, como vamos dizer, para quem vamos dizer, e os possíveis efeitos de sentido decorrentes. O poder e o saber fazem parte desse universo de relações na sociedade moderna. O poder está implícito nas práticas sociais do dia-a-dia e distribuídos em todos os domínios da vida social, na qual está permanentemente agregado, sem se mostrar abertamente.

Ao refletir sobre a linguagem e a palavra, Bakhtin (2000), ao invés de encontrar uma definição, prefere delimitar suas fronteiras, e tentar estudá-las com os

olhos e as mãos, num esforço de captar a natureza real do objeto. Argumenta ele que “em nosso caso, os olhos e as mãos se encontram numa posição difícil: os olhos nada vêem, as mãos nada podem tocar, é o ouvido que, aparentemente mais bem situado, tem a pretensão de escutar a palavra, de ouvir a linguagem” (2000, p. 69).

É preciso, portanto, colocar os sujeitos sociais e suas práticas discursivas nos contextos mais amplos de práticas e relações sociais, lembrando sempre a relação dialética entre discurso e estrutura, ou melhor, entre discurso e relações de poder. Segundo Bakhtin, é preciso ter cuidado com o que se diz e se ouve, pois as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

Bakhtin (2004) questiona as bases teóricas que fundamentam as concepções, ele também, considera a linguagem como fenômeno sócio-ideológico, mas, para ele, o lugar da realização do ideológico na linguagem não está na língua, como um sistema abstrato de formas, mas no signo lingüístico, na palavra.

Para mostrar isto, Bakhtin utiliza um conceito de ideologia bastante amplo, onde afirma que a Ideologia, além de designar as manifestações culturais em geral, diz do que é relativo a índices de valor que se confrontam, determinado pelo conflito de interesse social. Nesse sentido, todo signo é ideológico, pois está sujeito a critérios de avaliação (se é verdadeiro ou falso, correto ou incorreto, justificado ou não, bom ou ruim etc.). Isto porque “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata”. Esta refração é determinada pelo confronto de interesses sociais, ou seja, a luta de classes (Bakhtin, 2004, p. 88; p. 46).

Assim, é que, exatamente pelo fato de as diferentes classes sociais utilizar-se de uma só e mesma língua, em todo signo confrontam-se índices de valores contraditórios:

O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. É esta plurivalência social do signo ideológico (...), este entrecruzamento dos índices de valor, que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo de filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade (Bakhtin, 2004, p. 46).

Bakhtin salienta que a palavra é o signo que revela de forma mais nítida do fenômeno ideológico. Precisamente, porque a palavra é um signo neutro, puro, pois não está ligada exclusivamente a nenhum campo ideológico, particular, é que ela pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa entre outras. Além disso, por ser a palavra produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem extra corporal, ela é capaz de servir como material semiótico da consciência, podendo funcionar com ou sem expressão externa a do discurso interior.

É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico (Bakhtin, 2004, p. 37).

É graças a tais propriedades fundamentais que a palavra se revela o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. A palavra está dialeticamente relacionada com os planos da organização social. Assim é, que a palavra, estando presente tanto na infra-estrutura quanto na superestrutura, ela é condicionada pela organização social dos indivíduos, refletindo e refratando a realidade material dessa organização (infra-estrutura); de outro, ela possui sempre um índice de valor social, o que a insere no domínio da ideologia.

Entretanto, não podemos esquecer que as palavras guardam estreita relação com o universo real na qual estão inseridas. Dessa maneira, trazem significados repletos de

ideologia. Para Bakhtin (2000, p.32), “um signo não existe apenas com parte de uma realidade; ele também reflete e refrata outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc.” Assim, ao expressarmos algo a respeito de um assunto, estamos também, expressando aquilo que pensamos acerca deste tema, ainda que inconscientemente.

È por esse motivo que o professor deve estar atento à linguagem que é empregada em sala de aula. Ao escutar como e de que forma seus alunos se expressam, é possível vislumbrar a realidade na qual eles estão inseridos, bem como identificar de que maneira eles “lêem” o mundo que os cerca.

Para o materialismo histórico, a evolução da linguagem, inclusive de seus níveis de totalidades parciais de caráter objetivado (fonologia, morfologia etc.), se dá através de uma conjugação dialética de um movimento interno, que provém de seus próprios fatos e fenômenos, com um movimento externo, que os envolve no devir universal.

Assim, o movimento histórico da linguagem ou da língua não é uma sucessão contínua de fatos no tempo, nem uma sucessão mecânica de causas e efeitos. O materialismo postula que a história da linguagem, assim como a história em geral, é um movimento resultante do trabalho, lingüístico dos homens, a práxis em seus diversos estágios de organização social. Este trabalho se dá justamente na interação.

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. (Bakhtin 2004, p.124, grifos do autor) A linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores.

A Lingüística é o estudo científico da linguagem verbal humana. Que por sua vez é o termo língua natural é usado para distinguir as línguas faladas por seres humanos e usadas como instrumento de

comunicação daquelas que são linguagens formais construídas.

A Semiótica (do grego *semeiotiké* ou “a arte dos sinais”) é a ciência geral dos signos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação. Ocupa-se do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito ou da idéia.

Em oposição à lingüística, que se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, do sistema sígnico da linguagem verbal.

Para a Semiótica, o ato de comunicar é a materialização do pensamento/sentimento em signos conhecidos pelas partes envolvidas. Estes símbolos são então transmitidos e reinterpretados pelo receptor. Hoje, é interessante pensar também em novos processos de comunicação, que englobam as redes colaborativas e os sistemas híbridos, que combinam comunicação de massa e comunicação pessoal e comunicação horizontal. Saber de que é que uma ciência trata é tão importante ou mais do que saber quais os seus métodos ou seus objetivos. O mesmo se passa com a semiótica. A indicação do seu objeto é elemento importantíssimo para a sua compreensão enquanto ciência.

Enfim, “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal dos locutores” (2004, p. 127, grifos do autor). Portanto, enquanto imersa em um contexto sócio-histórico, a linguagem evolui em estreita relação, a dialética, e não mecânica, com as relações sociais:

As relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em conseqüência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua (Bakhtin, 2004, p.127).

È preciso lembrar, contudo, que quando se fala em história da língua não se

está pensando em *diacronia*, do modo como pensavam os lingüistas históricos que, conforme argumenta Bakhtin (2004, p. 28), dotam a forma lingüística de uma substância própria, torna-na um elemento isolável, capaz de assumir uma existência histórica separada, independente, isolada tanto do contexto social de produção, quanto do “sistema da língua”, transformada numa coisa situada fora do domínio da ideologia, fazendo parte do mundo dos objetos técnicos. Dessa forma, a história da língua humana perde o caráter de história da cultura humana e passa a funcionar como a história das coisas, ou seja, torna-se evolução, diacronia.

Assim, a história da língua torna-se a história das formas lingüísticas separadas a fonética, morfologia etc., que se desenvolvem independentemente do sistema como um todo e sem qualquer referência à enunciação concreta, a propósito da história da língua tal como a concebe o objetivismo abstrato. A enunciação lingüística, o ato de comunicação, tem, portanto, um caráter social, e o produto dessa interação social é o enunciado.

Como produto de trocas sociais, o enunciado está ligado a uma situação material concreta e também a um contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. Como os atos sociais vivenciados pelos grupos são diversos, conseqüentemente a produção de linguagem também o será.

Procurando romper com a concepção de homem que adquire uma linguagem ideal, pronta e acabada, e com a dicotomia que toma a linguagem como forma e conteúdo, Bakhtin concebe um homem que dialoga com a realidade, por meio da linguagem. Este teórico provoca fascínio, talvez, pela sua capacidade de ver o mundo, o homem e a linguagem como sendo partes de um mesmo processo dialético.

As concepções de Bakhtin exigem do leitor um olhar múltiplo sobre o mundo e sobre o outro. Trata-se de uma teoria que vê

o mundo a partir de ruídos, vozes, sentidos, sons e linguagens que se misturam, (re) constroem-se, modificam-se e transformam-se. Dentro desse burburinho, a palavra assume papel primordial, pois é a partir dela que o sujeito se constitui e é constituído. Para pensar a palavra a partir dessa perspectiva, fazem-se necessário considerar o direito e o avesso não como partes distintas, mas como elementos que se complementam por meio de uma relação dialógica.

Em nenhum momento Bakhtin, ao refletir sobre os gêneros do discurso, dispensa o conhecimento da língua enquanto sistema. O que diferencia a sua teoria das teorias tradicionais, assim, é o fato de não pensar os gêneros em si, como conjunto de objetos que partilham determinadas propriedades formais. Os gêneros não são enfocados apenas pelo viés estático do produto, das formas, mas principalmente pelo viés dinâmico da interação social, da atividade humana. .

Bakhtin, ao refletir sobre os gêneros do discurso, não dispensa o conhecimento da língua, enquanto sistema. O que diferencia a sua teoria das teorias tradicionais, assim, é o fato de não pensar os gêneros em si, como conjunto de objetos que partilham determinadas propriedades formais.

### 3. DISCURSO: ATIVIDADE HUMANA

Desde tempos imemoriais o ser humano vem se afligindo com questões cruciais a respeito de sua própria existência. Num círculo vicioso, passará da incerteza à perplexidade; da perplexidade às concepções mitológicas; da mitologia às teorias pretensamente racionais; das teorias à certeza; e da certeza novamente à incerteza e à perplexidade.

De um ponto de vista pragmático - referente às potencialidades da linguagem não só para a comunicação humana, como, igualmente, para a elaboração de raciocínios complexos - os estudos direcionados a saber

como funciona a linguagem corrente, no dia-a-dia, ganham realce e será fundamental, sobretudo, conhecer os mecanismos que presidem a aquisição no processo instintivo e a aprendizagem no processo intencional da língua, e igualmente o ensino.

Segundo dicionário Aurélio (1986, p. 596), discurso, palavra proveniente do Latin *discursu* “qualquer manifestação concreta da língua por meio da linguagem”. Na verdade, o discurso não se configura necessariamente dentro de uma lógica evolutiva. Passado e futuro entremeiam-se em uma teia inconsútil de signos e significados que, por sua vez, tornam-se cúmplices no tempo e na história através do estabelecimento de um elo dialógico entre eles.

Vale lembrar, a esse respeito, que dar importância à historicidade dos gêneros, significa chamar a atenção para o fato de os tipos não serem definidos de uma vez para sempre. Eles comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, porque as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação. Por isso, as formas relativamente estáveis de dizer no interior de uma atividade qualquer têm de ser abertas à contínua remodelagem, capazes de absorver o novo e a mudança. Desse modo, Bakhtin articula uma compreensão dos gêneros que combina estabilidade e mudança: reiteração, à medida que aspectos da atividade recorrem e abertura para o novo, para a mudança, à medida que aspectos da atividade mudam. Como afirma Bakhtin

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles [...] que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos. Portanto, o locutor recebe, além das formas prescritivas da língua comum (os componentes e as estruturas gramaticais), as formas não menos prescritivas do enunciado, ou seja, os gêneros do discurso, que são tão indispensáveis quanto as formas da língua

para um entendimento recíproco entre locutores (Bakhtin, 2000, p. 304).

Os gêneros são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade. Tem-se que gêneros são padrões comunicativos, que socialmente utilizados, funcionam com uma espécie de modelos comunicativos globais que representam em conhecimento social localizado em situação concreta. Isto é, um gênero do discurso é parte de um repertório de formas disponíveis no movimento de linguagem e comunicação de uma sociedade, desse modo, só existe relacionado à sociedade que o utiliza.

Bakhtin (2000) considera a linguagem como fenômeno socioideológico, apreendido dialogicamente no fluxo da história. Vygotsky (1993) elabora sobre a linguagem uma teoria sociopsicológica da relação pensamento e palavra como processo dinâmico. Assim, para ele, a compreensão da linguagem resulta no desenvolvimento das funções psicológicas superiores e na construção da subjetividade. Os dois autores se completam, pois, tratam da linguagem como ponto de partida na investigação das questões humanas e sociais, ressaltando ambos o social.

Diferenciando-se na abordagem do tema, Bakhtin destaca na linguagem o seu aspecto ideológico. Para ele “Todo signo é ideológico; a ideologia é o reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação na língua... O signo é por natureza, vivo e móvel” (Bakhtin, 2000, p 15)”. Por sua vez, Vygotsky ressalta o seu aspecto psicológico. “El pensamiento no sólo está mediado externamente por los signos, internamente está mediado por los significados” (Vygotsky, 1993, p 342). Entretanto, embora Bakhtin destaque o aspecto ideológico da linguagem, reconhece o seu papel do psicológico “O signo ideológico vive graças à sua realização no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico” (Bakhtin, 2000, p 16)

O fenômeno ideológico por excelência, e o modo mais puro e sensível da relação social é a palavra, pois é na palavra que se revelam a forma básica e ideológica geral da interação verbal. Bakhtin, critica a categoria da causalidade mecânica para explicar como a realidade determina a ideologia, que além de designar as manifestações culturais em geral, onde todo signo é ideológico, pois está sujeito a critérios de avaliação.

Considera-as reducionistas e um obstáculo à apreensão da natureza real da linguagem como código ideológico, pois, segundo ele, o subjetivismo idealista prioriza a criação individual, portanto, o aspecto interno, o lado subjetivo da criação significativa, em detrimento do social e o objetivismo abstrato prioriza o fator normativo e estável da língua sobre o seu caráter mutável., o que se contrapõe às suas idéias, que ressaltam o valor da língua viva em constante mutação dentro de um contexto social.

Dada à linguagem como um ato social, as ciências da linguagem têm contribuído, em muito, ao longo do tempo, para o seu esclarecimento em todos os seus aspectos. Porém, nenhuma de suas ciências conseguiu, ainda, dar conta de explicá-la toda, em vista das transformações a que ela está sujeita. Assim mesmo, outras e novas possibilidades de reflexão se abrem e outros e novos aspectos da linguagem são revelados.

Saussure (2000) define a linguagem como o único tipo de conduta social cuja função primária é a comunicação e através desta função primária o homem cumpre outras, percebe e atua sobre a realidade social. Contempla ainda, que a língua se desenvolve e modifica tanto quanto a sociedade, bem como é modificada pela marca da tradição cultural dos momentos. Assim, a linguagem não é social, mas cronológico.

As ciências da linguagem herdam de diversas áreas do conhecimento, como a literatura, as artes, o cinema, as mídias, a filosofia, as ciências sociais e humanas, contribuições importantes para sua análise,

ainda que compreendam, todas elas, paradoxos e contradições.

O próprio Saussure (2000, p.25), que formulou a teoria do estruturalismo das línguas e da gramática, admitiu que a lingüística, constituída, segundo ele, por todas as manifestações da linguagem humana, tem relações bastante estreita com outras ciências, que, ao mesmo tempo em que lhe tomam emprestados, fornecem-lhe dados. Diz ele sobre a linguagem: “os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente”.

Para Saussure (2000, p. 14), a lingüística interessa a todos que tenham de manejar textos, porém, sua importância é evidente para a cultura geral: “na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro”. Para se chegar à língua como condição de ciência e esta, por sua vez, à transmissão de cultura, a linguagem também se utiliza de outras ciências, como a física, a sociologia, a antropologia, entre outras.

Por essa razão, as ciências da linguagem, ao mesmo tempo em que influem sobre outras ciências, delas se beneficiam.

A linguagem não somente transmite cultura, mas também pertence a ela, como condição de existência. Isto porque passa de geração em geração, não simplesmente por herança biológica, e sim como instrumento criado e desenvolvido pelo próprio homem para fixar-se como ser histórico. Ele e somente ele é capaz de criar formas simbólicas e, portanto, culturais.

A tendência é que homem se enriqueça lingüisticamente com o passar do tempo. E à comunicação é dada a tarefa de não deixá-lo empobrecer do ponto de vista da expressão. Decisiva no mundo dos sentimentos e emoções, a linguagem adquire a influência necessária para levar o homem à ação, sem a qual o mundo da comunicação não teria sentido.

É importante ressaltarmos que é através da linguagem que nos relacionamos com o mundo e com os outros seres humanos. Assim, não podemos deixar de

apontar, nesse artigo, de que forma ela atua no processo intencional do ato educacional. A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, estabelecendo entre o mundo exterior e o interior do indivíduo um canal gerador de conhecimento. Focalizaremos, assim, a linguagem viva, enquanto experiência que participa ativamente da formação e formulação das idéias e valores do cidadão.

O ser humano em quaisquer de suas atividades vai servir-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os enunciados lingüísticos se realizarão de maneiras diversas. A estas diferentes formas de incidência dos enunciados

A língua não pode ser definida como um sistema, uma vez que, sendo movida e edificada por sujeitos concretos, não goza nem de homogeneidade nem de estabilidade suficiente para tal. Não estamos, é claro, afirmando que o dinamismo lingüístico se liquefaça em uma espécie de abismo niilista, sem qualquer tipo de parâmetro que aja como mediador ou regulador dentro do jogo discursivo.

Para Bakhtin, envolver-se em uma determinada esfera da atividade humana implica desenvolver também um domínio dos gêneros que lhes são peculiares. Assim, aprender os modos sociais de fazer é também aprender os modos sociais de dizer. Bakhtin chama a atenção (1997, p. 303) para o fato de que existem pessoas que, mesmo dominando a língua, sentem-se constrangidas quando têm que participar de uma assembléia, de uma reunião de sindicato, de uma conversa entre pessoas de outras esferas da comunicação verbal, pelo simples fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero daquela esfera. E nestas horas, não adianta dominarem perfeitamente todas as regras gramaticais ou terem domínio sobre o sistema da língua. O constrangimento, nestes casos, deve-se ao fato de não estarem familiarizados com o gênero do discurso desta esfera de atividade.

Desta forma, a realidade, o pensamento e a linguagem são inseparáveis. A linguagem revela o mundo dotado de sentido e o pensamento descobre o sentido dado pelas palavras. Nessa perspectiva consideramos que a linguagem não se limita a relacionar signo e coisa, signo e idéia uma relação binária, mas implica um terceiro elemento que são os símbolos.

#### **4. A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: PALAVRA**

Para compreender como se dá o processo de construção do sentido, é preciso ver a palavra como um signo ideológico, pois só assim é possível perceber a sua capacidade de assumir múltiplas tonalidades em diferentes campos como o político, o moral e o religioso. Os sentidos funcionam como camadas superpostas que se vão juntando.

É o contexto, a situação social, o lugar ocupado pelo falante que determinam qual o sentido que deve ser dado à palavra. A mobilidade da palavra faz com que nenhum falante seja o primeiro a proferir determinado tópico discursivo. Ao usar a palavra, encontramos-la já habitada pelas falas de outrem, pois ela penetra em todos os domínios da sociedade, por isso é indicadora das transformações que a sociedade infere no ser humano.

Por esse motivo, as palavras, ou os signos verbais, devem ser estudadas de forma objetiva no discurso, uma vez que são fenômenos sociais, conforme Bakhtin (2004, p. 33) explica:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo

exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou as conseqüências que dele decorrem.

Devido à orientação social do fenômeno signico, assumida pela linha de análise bakhtiniana, o signo, em sua forma de palavra, é visto como o núcleo sensível e veículo material privilegiado da ideologia, ocupando ainda o espaço central também na formação da consciência.

A consciência e a ideologia, nesta perspectiva, não são aceitas como internas ao indivíduo. Nega-se que tais fenômenos dêem-se sem nexos causais baseados no terreno exterior, pelo fato de admitir-se que tanto a consciência quanto a ideologia é constituída pelos mesmos materiais semióticos, quais sejam os signos verbais, as palavras. E, é graças ao caráter de reversibilidade do signo verbal ideológico, das palavras, que ao exercerem a função de signos verbais, medeiam o processo de tomada de consciência e do posicionamento ideológico do sujeito. Evidentemente, que a ideologia é mais determinante, mais violenta, mais brutal e mais eficiente exatamente no momento em que não é percebida.

A propósito, ao orientar a sua palavra a partir do seu interlocutor, o falante constitui a sua subjetividade considerando o seu outro. Esse processo funciona como um espelho em que o falante busca refletir-se, daí o fato de a palavra ter dupla face, pois é determinada tanto pelo fato de preceder de alguém, como por dirigir-se a alguém. Podemos afirmar, assim, que a sua existência está intrinsecamente ligada à realidade social, fora do contexto de uso é destituída de sentido. A palavra é uma arena em miniatura onde se perpassam e lutam os valores sociais de orientações contraditórias.

A linha saussureana, em sua vertente tradicional realiza, portanto, um corte teórico e epistêmico, que impossibilita a compreensão da especificidade material e dialética do signo. Já a linha de reflexão neomarxista, de origem bakhtiniana, concebe o signo como um produto social e verbal, além de ideológico, constituído fora das subjetividades. Concebe-se, quanto à sua natureza, que o signo não é um produto da consciência individual, pois sua origem é o exterior, e sua localização se dá em um determinado momento, na mente do indivíduo, justamente pelo seu caráter semiótico, como deixa explícito Bakhtin (2004, p. 36):

A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem.

Tal afirmação aponta para uma abordagem dialógica, e totalmente diferenciada do signo lingüístico, que faz avançar a concepção de signo. A partir das reflexões bakhtinianas, o signo não será entendido como presente no plano do sistema puro e neutro da língua, referido como a relação em si mesmo, relação tida como arbitrária, e constituído pela associação mental de um significante e um significado, como habitualmente é veiculado pela linha saussureana.

A vitalidade do pensamento saussuriano, com o passar do tempo, só tem feito renovar sua atualidade. Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. O que ele chama de “sentido” é a mesma coisa que *conceito* ou *idéia*, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca

desde o berço. Em outras palavras, para Saussure, conceito é sinônimo de significado, plano das idéias, algo como o lado espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante (plano da expressão), que é sua parte sensível.

A visão da língua como realidade sistemática e funcional é o conteúdo mais importante da concepção saussuriana. Para o mestre de Genebra, a língua é, antes de tudo, “um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas” (p. 18); é um código, um sistema onde, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica” (p. 23). Saussure vê a língua como um objeto de “natureza homogênea” (p. 23) e que, portanto, se enquadra perfeitamente na sua definição basilar: “a língua é um sistema de signos que exprimem idéias” (p. 24). Essa concepção da língua como sistema funcional está imbricado com a noção de valor

Bakhtin, que os receptores não são destinatários passivos, não apenas compreendem, mas também respondem ativamente aos enunciados, pois “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (BAKHTIN, 2004, p. 290). Do mesmo modo “o locutor não espera uma compreensão passiva, mas uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc (*Ibidem*, p.291), tanto que sua busca é sempre direcionada a convencer, a influenciar, a provocar uma resposta, etc.”.

Essa alternância dos sujeitos falantes pode ser vista mais claramente nas réplicas do diálogo, cuja dinâmica representaria a “forma clássica de comunicação verbal” (*Ibidem*, 294). Mesmo em se tratando de enunciados em esferas mais complexas, como a artística, a científica, etc., ainda assim, é encontrada essa representação do diálogo.

Pêcheux (1997, p. 53), quando se refere ao enunciado, diz que”...todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar

para um outro”. Embora o enunciado se caracterize através de uma espessura material dos signos, portanto a materialidade é constitutiva do próprio enunciado, ele é um objeto passível de repetição, reprodução, transformação, reativação, modificação, admite paráfrases, ou seja, é sempre suscetível de ser posto novamente em questão.

Uma informação pode ser transmitida com outras palavras, usando outra sintaxe, porém, se o conteúdo informativo e as possibilidades de uso são idênticos, podemos considerar o mesmo enunciado.

O discurso como prática é essa instância da linguagem, a qual não é lingüística. Poder-se-ia falar ainda em atos de linguagem carregados de verdades. As práticas discursivas, vistas dentro de um determinado campo como, por exemplo, da psiquiatria, da educação, ou mesmo da comunicação de massa.

As réplicas do diálogo, assim como os enunciados mais complexos, sejam elos na cadeia da comunicação verbal, é possível perceber neles um acabamento específico, ou seja, é possível saber o fim de um enunciado, condição que torna possível uma resposta e a alternância dos sujeitos. Bakhtin assinala três fatores que possibilitam esse acabamento: “1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento” (BAKHTIN, 2000, p. 299).

É a partir de uma determinada concepção teórica de enunciado e de gêneros do discurso como enunciados típicos que Bakhtin analisa o estilo e faz suas críticas à estilística tradicional, ao efetuar este análise retém-se a questão sob a ótica da funcionalidade do gênero em que cada esfera da atividade e da comunicação humana tem seu estilo peculiar.

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições,

específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero. de um enunciado [...] [O estudo do estilo] sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade (Idem, p.284).

Todos têm direito à fala, porém, como conciliar isso, com um mundo valorado por um sistema excludente, que ordena o discurso de modo autoritário, é o que nos parece impossível. O que não é impossível, porém, é dar a conhecer, é não sonegar a informação a respeito dessas relações de poder, que estão no cerne de toda a violência, seja ela de que espécie for.

Debruçamo-nos também sobre as concepções de língua e linguagem que foram se consolidando na lingüística e se agregando no ensino de línguas. O fato de que os enunciados se constroem sob determinadas circunstâncias bem concretas leva-nos a discutir: as condições de produção de um discurso, os enunciados, o contexto histórico social, o lugar de onde falam os interlocutores, as formações discursivas e ideológicas responsáveis pelas condições de produção de cada discurso, as práticas discursivas, a teoria da constituição de subjetividades, heterogeneidade, dialogismo, intradiscurso, interdiscurso, tendo como ponto de referência a construção baseada na tríade poder-saber-sujeito.

A elegia contemporânea é encenada por um homem que se assume ao mesmo tempo revolucionário e conservador, e que a toda hora encontra-se capturado numa relação dialética com o seu patrimônio cultural. Nenhuma ideologia se resolve com

facilidades: o acervo cultural de um povo encontra-se em um estado interrupto de renovação e atualização e, à medida que o signo é relaborado, novos significados vão sendo depositados e formas diferentes de pensar ganham força na sociedade.

Com isso, tem-se que a palavra, na perspectiva enunciativa da interação verbal, será entendida sempre como elemento material e signo social ideológico. A categoria operacional da palavra, ou a linguagem num sentido amplo, é quem orientará a ação e constituirá a consciência dos sujeitos em suas interações sociais, como concluiu o psicólogo do desenvolvimento Vygotsky (1993, p.131-2), em suas pesquisas, ao estudar a formação social do pensamento e da palavra, uma palavra é um microcosmo da consciência humana:

Mostramos que a característica fundamental das palavras é uma reflexão generalizada da realidade. Esse aspecto da palavra leva-nos ao limiar de um tema mais amplo e mais profundo – o problema geral da consciência. O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento mas também na evolução histórica da consciência como um todo.

#### Prossegue Vygotsky:

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo; o pensamento nasce através das palavras [grifo nosso]. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica.

Bakhtin (2000) é um autor que antecipa a morte de suas palavras e que, inclusive, aguarda-a com inegável entusiasmo. Não vejamos, porém, a morte como um fim, uma extremidade que extirpe

para sempre a abertura dialógica entre tudo o que foi dito e tudo o que ainda paira por dizer, se a proposta aqui deslanchada é justamente a oposta.

O que Bakhtin (2000) deseja é ter sua própria voz voltada contra si mesma, convocando-nos para viver em um mundo que tem como única certeza a incerteza e que, gostemos ou não, sempre será dialético e polifônico, incerto e paradoxal, dinâmico e imprevisível. Nenhuma palavra é a última palavra, nenhum signo encerra um só significado e nenhum começo nasce entregue o seu epílogo. Ser capaz de mudar a si próprio e o meio que o circunda não é uma escolha, é uma vocação.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à materialidade do signo verbal ideológico, em sua função de palavra, que os sentidos são constituídos no decorrer da interação verbal, ao se apropriar da linguagem, enfatizar a construção do significado pela interpretação ou ressignificação, conseqüente da subjetividade atribuída à existência de espaços intersticiais, negando a falsa idéia de transparência, homogeneidade e considerando a necessidade de historicizar e contextualizar o momento da enunciação.

O saber que temos sobre o mundo em que vivemos determina igualmente a comunicação. O elemento importante naquilo que designa por “contexto comunicativo” é o próprio contexto verbal, isto é o discurso que a pouco a pouco se vão construindo num ato comunicativo, isto porque numerosos elementos lingüísticos, só adquirem verdadeiramente sentido por referência a informações fornecidas anteriormente.

Desse modo, o falante aqui não é considerado o terminal de execução do sistema sociolingüístico nem da gramática inata. O falante e sua fala são sínteses particulares de múltiplas determinações. A fala é social e aprender a falar não é simplesmente aprender a usar uma técnica combinatória. Aprender a falar é construir,

interagindo com os outros, um espaço de significação do ser, de suas práticas cotidianas (políticas, econômicas, ideológicas etc.).

Discursos e textos sobre a realidade não podem, portanto, ser considerados lineares. Parece lógico esperar uma marcada flexibilidade e variabilidade, tanto no que se refere à concepção sobre a realidade social, quanto sobre os argumentos de legitimação das diferentes versões, o sentido é o produto de um jogo diferente. Na verdade, o sujeito gera efeitos de sentido no interdiscurso, porém caminha vendado e os fios da trama de sua vida são fios da ideologia e do inconsciente, fios que mais do que obscurecer a visão do sujeito, determina seus percursos.

O signo verbal ideológico é capaz de refletir e modificar uma dada situação dialógica entre os interlocutores, devido às individualidades que estão em interação, cada qual com sua singularidade histórica e o pertencer concreto a uma determinada classe social, a um grupo político, cultural, econômico ou religioso específico.

Ao se organizar socialmente, esse espaço se intersecciona com o espaço dos outros e de acordo com as práticas e ideologias que se inter-relacionam na formação social. E, ao mesmo tempo em que esse espaço é trabalhado em cotejo com espaços já construídos, ele mesmo se constitui como espaço já construído, com o qual se confrontarão discursos futuros, constituindo-se, portanto, como intrinsecamente histórico.

Vemos que as ideologias permeadas nas práticas sociais, especialmente nas discursivas, são mais efetivas a partir do momento em que, por sua persistência, chegam a ser naturalizadas. Ainda assim, pensar que é uma situação irreversível é não reconhecer o caráter dialético e processual das ideologias, “significações / construções da realidade”, abrem o caminho à investigação das práticas discursivas como formas “materiais” da ideologia, onde não falta a luta ideológica. Isto define uma estreita inter-relação entre ideologia,

hegemonia e discursos, onde uma configuração muito instável e até contraditória de elementos condiciona a busca de conexões explicativas na natureza das práticas sociais das quais são parte.

Tudo isso leva a concluir que o caráter controvertido, ambíguo e até contraditório de todas as manifestações do pensamento é muito difícil de ser apreendido. É realmente através de uma aproximação discursiva que se pode apreender e compreender a funcionalidade do fenômeno ideológico. A linguagem como ação ou prática social precisa sempre do contexto e argumentações que indiquem o objetivo ou intencionalidade do discurso. Igualmente, esta abordagem está pendente do nível de racionalidade dos argumentos próprios e dos contrários, em oposição a uma concepção unívoca da verdade.

A palavra, em sua condição de signo, é adquirida no meio social que, interiorizada pelo sujeito, retorna ao meio social por meio do processo de interação, numa forma diferenciada, ou seja, ela é dialeticamente alterada devido às colorações ideológicas que marcam as condições de produção. No ler e no escrever podemos sentir as palavras de uma forma diferente, mudamos nossas relações com as palavras, para que alguma coisa seja tirada do silêncio.

Em razão desses condicionamentos sociais e históricos que perpassam tanto os sujeitos quanto às palavras, somente o acontecimento enunciativo dará a significação da palavra que, muitas vezes, será diferente da significação registrada no léxico; a significação é construída no processo de interação social. Assim, a palavra é constitutiva tanto da consciência quanto do desenvolvimento humano.

A linguagem é constitutiva dos sujeitos sociais, que cresceu a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados. Pensamos a linguagem e somos o que a linguagem nos faz ser. Construimos e destruimos mundos diferentes. Podemos estreitar relacionamentos ou nos distanciarmos de relações com o exterior. A partir do momento em que falamos, abandonamos o nosso estado natural e passamos a dominar tudo o que existe no mundo. Propõe-se, a partir dos elementos abordados, a compreensão de laços de sociabilidade que se estabelecem repetidamente em ambientes de comunicação comum, num processo permanente de construção social da realidade, em que as pessoas são os agentes definitivos desse contexto.

Todas essas funções são essenciais para que a comunicação se dê de modo satisfatório e possa, mais tarde, contribuir para a formação de laços sociais. Conhecer é identificar; saber é chegar a uma plena cognição. Conhecer e vir, a saber, envolvem cognição e racionalidade. Compreender e reconhecer, em Bakhtin, envolve o ato emocional-volitivo. Para nós, na modernidade, conhecer exige abstrair, construindo modelos.

T & M

Texto recebido em setembro de 2008.  
Aprovado para publicação em outubro de 2008.

#### **SOBRE A AUTORA:**

**Lizete Maria Pergher Dala Costa** é especialista em Produção e Recepção de Textos, pela UNICS. Aluna Especial do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Endereço eletrônico: [lizete@sudonet.com.br](mailto:lizete@sudonet.com.br).

**REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: —. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- . **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BRAIT, B. (Org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento** [?]. 2. ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 22. ed. Cultrix: São Paulo, 2000.
- VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1994.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)